



24° ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Perspectivas Contemporâneas na Ciência da Informação
• Vitória - ES • Ancib • PPGCI/UFES



XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

ENCANTOS, VERSOS E PROSAS: AÇÕES EXTENSIONISTAS EM RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

“ENCANTOS, VERSOS E PROSAS”: EXTENSION ACTIONS IN ETHNIC-RACIAL RELATIONS

Carolina de Souza Santana – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Denise Braga Sampaio – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Leyde Klebia Rodrigues da Silva – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Ao abordar as questões étnico-raciais, por meio da vivência prática e imersiva nos equipamentos culturais e comunidades de povos originários, pretende-se fomentar a reflexão e o pensamento crítico sobre a prática extensionista na formação dos profissionais da informação. Assim, pergunta-se como a vivência em ações extensionistas voltadas às questões étnico-raciais contribui para a formação de profissionais da informação? E, como objetivo relatar as experiências metodológicas decoloniais para a formação dos profissionais da informação do projeto EnCantos, versos e prosas. O percurso metodológico está pautado na pesquisa qualitativa e exploratória. A coleta de dados se deu por meio de questionário online, aplicado via *Google Forms*. Os resultados sinalizaram que as ações extensionistas promovidas pelo Projeto Encantos, Versos e Prosas ensejam, cada vez mais, a participação de profissionais da informação nos meios populares, no âmbito do qual os mais variados saberes são acolhidos e socializados pelas comunidades por meio da prática indissociável ensino, pesquisa e extensão.

Palavras-chave: extensão universitária; relações étnico-raciais; profissional da informação; projeto EnCantos, versos e prosas.

Abstract: By addressing ethnic-racial issues through practical and immersive experiences in cultural facilities and indigenous communities, the aim is to foster reflection and critical thinking about extension practice in the training of information professionals. Thus, the question arises: how does engagement in extension activities focused on ethnic-racial issues contribute to the training of information professionals? The objective is to report on decolonial methodological experiences for the training of information professionals within the EnCantos, Versos, e Prosas Project. The methodological approach is based on qualitative and exploratory research. Data collection was carried out through an online questionnaire, administered via *Google Forms*. The results indicated that the extension activities promoted by the EnCantos, Versos, e Prosas Project increasingly encourage the participation of information professionals in popular environments, where diverse forms of knowledge

are embraced and shared by communities through the inseparable practice of teaching, research, and extension.

Keywords: university extension; ethnic-racial relations; information professional; project “EnCantos, versos e prosas”.

1 INTRODUÇÃO

A prática extensionista é um dos pilares da vivência universitária, que envolve também a pesquisa e o ensino, e proporciona trocas substanciais tanto para discentes, como para docentes, mas, especialmente, para a sociedade. É o momento de interação da universidade com a comunidade, entendendo-a em sua diversidade e em suas particularidades. Como nos ensina Paulo Freire (1983), a extensão deve atentar que este encontro deve ser pautado no respeito aos aspectos culturais concernentes à comunidade e às pessoas que a ela pertencem. Logo, a prática extensionista tem por prerrogativa a proposição de encontro e diálogo entre a universidade, por meio de seus atores e atrizes sociais, com a sociedade que a ampara, subsidia e fomenta.

Apesar da história da humanidade se dar de maneira eurocentrada, a produção de conhecimento não é exclusiva do velho mundo, tampouco, terreno exclusivo das universidades, ela reside nas casas das pessoas, nos agrupamentos sociais, nas relações intergeracionais, inter-raciais, enfim, na diversidade. Nesta premissa, entendemos que a prática extensionista não deve se dar de maneira hierarquizada, nem de via única (da universidade para as comunidades), mas em mão dupla, nas trocas e nas partilhas. No que diz respeito às questões étnico-raciais, além de reparatória, a prática extensionista pode lançar luz a vivências e práticas invisibilizadas pelo modelo de sociedade em que estamos enredados, evidenciando novas possibilidades epistêmicas e culturais. Pensando nisso, temos por pergunta de pesquisa: Como a vivência em ações extensionistas voltadas às questões étnico-raciais contribui para a formação de profissionais da informação? E, como objetivo relatar as experiências metodológicas decoloniais para a formação dos profissionais da informação do projeto EnCantos, versos e prosas.

O projeto de extensão EnCantos, versos e prosas é vinculado à Universidade Federal da Bahia, e recebe fomento do Edital de Ações Pontuais da Pró-reitoria de extensão, tendo as práticas artístico-culturais como ferramenta interacional e dialógica que dão luz a produções decoloniais. Seu nascimento é melhor descortinado na seção *Práticas do projeto EnCantos*, no

entanto, é importante destacar que esta iniciativa fomenta a discussão da temática étnico-racial, por meio da pesquisa, planejamento, seleção e interpretação de músicas e poesias.

Com vistas ao alcance dos objetivos, e resposta à questão de pesquisa, traçamos um percurso metodológico pautado na pesquisa qualitativa, exploratória, que, como assevera Antônio Gil (2002) proporciona uma maior familiaridade com o problema proposto.

A integração da temática étnico-racial nas matrizes curriculares nas Instituições de Ensino Superior brasileiras se deu no ano de 2004, por meio da Resolução CNE/CP Nº 1, do Conselho Nacional de Educação (Brasil, 2004), que inclui nos conteúdos de componentes curriculares, bem como atividades curriculares, a Educação das Relações Étnico-Raciais e temas afins destas, no entanto, ainda é um desafio para muitas universidades. Pensando nisso, a Universidade Federal da Bahia, no ano de 2023 lança mão da Resolução 04/2023 (Universidade [...], 2023), que visa implementar esta e outras resoluções do Conselho Nacional de Educação (CNE). Ou seja, a temática, mesmo vinte anos depois, ainda passa por dificuldades para sua implementação efetiva. A prática extensionista, a nosso ver, tem sido mais fluida, nesta implementação e, como o Projeto EnCantos tem por foco uma abordagem decolonial, que é apresentada ao longo deste trabalho, caracteriza nossa investigação não somente como exploratória, mas também descritiva, narrada a partir do relato de experiência de duas atividades específicas a Mostra de canto e poesia “AfroEncantos” e a Mostra musical “EnCantos da Terra”, por meio dos discentes participantes do projeto.

A coleta de dados se deu por questionário elaborado no *Google Forms*, entre os dias 11 e 12 de julho, e compartilhado no grupo de *WhatsApp* do referido projeto, contendo as seguintes perguntas:

1. O que te fez entrar no projeto?
2. Como o projeto impacta na sua vivência acadêmica?
3. Como as temáticas étnico-raciais, relacionadas ao projeto EnCantos, impactaram na sua vivência acadêmica?
4. Na sua percepção, a forma de abordagem das questões étnico-raciais, por meio da arte, contribuiu para as suas reflexões dentro do campo da informação?
5. O projeto lhe fez mudar alguma concepção a respeito da sua formação?
Comente.

Para arrazoar sobre as respostas ao questionário e como estas se relacionam com a pergunta e objetivos de pesquisa traçados, nos valem da seção teórica, “Ações extensionistas em relações étnico-raciais”, que serviu de aporte às análises, fomentando a investigação, no que tange às autorias que tratam de decolonialidade e questões étnico raciais, a prática extensionista e seus principais instrumentos normativos e legais para, então, relatar as experiências provenientes do projeto acima citado e suas iniciativas. Na seção “Experiências metodológicas decoloniais do projeto encantos, versos e prosas: resultados, análises e discussões” percebemos que o alcance do projeto, pautado em fundamentos decoloniais, incidiu nos e nas discentes a partir da ampliação de suas percepções a respeito de suas formações e futura atuação profissional, evidenciando que uma práxis decolonial envolve uma formação associada ao contato com vivências diversas. E por fim, na seção “Considerações finais” discutimos sobre a política de extensão como uma prática integrativa que deve envolver, ensino, pesquisa e sociedade.

2 AÇÕES EXTENSIONISTAS EM RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Ao tratarmos de extensão universitária, enredada como uma das dimensões da vivência acadêmica, devemos entendê-la como uma ação profícua às trocas entre a universidade e a sociedade, e que esta última é composta por uma multiplicidade de comunidades que enredam encruzilhadas ligadas à classe, ao gênero, à raça, à ideologia e, concomitante e conseqüentemente, à cultura.

Esta pluralidade de corpos e epistemes fora dos muros da universidade carece não somente de ações de intervenção, mas de serem ouvidas e vividas pelo meio acadêmico. Com preocupação análoga, em sua obra *Extensão ou Comunicação?* Paulo Freire (1983) lança luz à problemática de uma pedagogia antidialógica, entendendo que

Toda invasão sugere, obviamente, um sujeito que invade. Seu espaço histórico-cultural, que lhe dá sua visão de mundo, é o espaço de onde ele parte para penetrar outro espaço histórico-cultural, superpondo aos indivíduos deste, seu sistema de valores. O invasor reduz os homens do espaço invadido a meros objetos de sua ação (Freire, 1983, p. 26).

E complementa, afirmando que o invasor atua de maneira efetiva, enquanto o segundo tem a ilusão de estar atuando, mas que, ao final da experiência, “toda invasão

cultural pressupõe a conquista, a manipulação e o messianismo de quem invade” (Freire, 1983, p. 27). Esta invasão conflita com o que o pedagogo entende como encontro amoroso de pessoas que, mediatizadas pelo mundo, o pronunciam, ou seja, o transformam e, nesta transformação, humanizam a todas as pessoas envolvidas.

A prática extensionista, nos moldes que hoje se encontram, na sociedade brasileira, vão na esteira deste entendimento, uma vez, de acordo com o Parecer CNE/CES nº 608 (Brasil, 2018, p. 4),

Partindo das abordagens teóricas e históricas, pode-se encontrar, nas práticas extensionistas das universidades, três concepções ideológicas que se entrecruzam e adquirem materialidade: a posição assistencialista, que se caracteriza pelo atendimento às demandas sociais por intermédio da prestação de serviços à comunidade; a dimensão transformadora, na qual as relações entre universidade e sociedade são dialógicas e buscam a transformação social, e, mais recentemente, o entendimento de que as demandas, advindas da sociedade, são tomadas como novas expectativas de serviços que a sociedade demanda da universidade. A parceria da universidade com os demais setores da sociedade civil, portanto, poderia ser o mecanismo de articulação entre esses atores ao transformar a instituição de ensino também em produtora de bens e serviços.

O relatório entende que cada uma destas percepções acaba por estabelecer os limites das ações extensionistas em sua execução. Ou seja, uma ação de extensão que tenha um viés assistencialista, torna-se pontual, mas não é resolutiva no que diz respeito às demandas de dada comunidade, não sendo nem integrativa, nem orgânica, conseqüentemente, não sendo dialógica. Pensar as ações de extensão, em uma perspectiva dialógica, envolve como premissa básica, conhecer, interagir e estabelecer uma relação de trocas de conhecimentos e ações efetivas e afetivas com a comunidade que acolhe determinado projeto de extensão.

Na esteira dessa necessidade de relação dialógica e atentando aos perigos de uma relação assistencialista, ou mesmo colonizadora, pensar uma extensão decolonial envolve uma crítica à supremacia branca, ocidental, cis-hetero-patriarcal. Por entender, que existe uma lógica de silenciamento traduzida na deslegitimação, infantilização, ridicularização e desqualificação das falas de corpos não hegemônicos. Essa mesma lógica faz com que, ao tentar expressar seus saberes, essas pessoas tenham seus discursos anulados e não considerados científicos, pois são carregados de “emoção e pessoalidade”. Como se fosse possível, de fato, a construção de algum conhecimento neutro.

**XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024**

Especificamente na universidade, a escritora Grada Kilomba (2016) declara que o espaço acadêmico não é um espaço neutro e isso está relacionado ao poder e à autoridade racial que historicamente manteve o direito de fala negado às pessoas negras e não brancas. Isso configura, por vezes, um espaço de violência na academia. A ordem acadêmica dominante, conforme a autora, contribui para entender que “Ciência é, nesse sentido, não apenas um estudo apolítico da verdade, mas a reprodução de relações de poder racializadas que definem quem conta como verdade e em quem devemos acreditar” (Kilomba, 2016, online).

As estruturas de validação do conhecimento, que definem o que é saber verdadeiro e válido, são controladas por acadêmicos brancos que determinam as suas perspectivas como exigências universais, “[...] assim, não é uma verdade objetiva e científica que nós encontramos na academia, mas o resultado relações desiguais das poderosas relações ‘raciais’” (Kilomba, 2016).

As relações raciais estão enraizadas na vida social de indivíduos, grupos e classes sociais. As desigualdades sociais frequentemente se manifestam nos estereótipos e nas intolerâncias, polarizadas em torno de etnias, assim como gênero e outras diversidades sociais como as de sexualidades, religiosas e outras.

Contudo, “Relações étnico-raciais” é uma expressão usada para se referir às questões concernentes à população negra-brasileira, a fim de sair do impasse e da postura dicotômica entre os conceitos raça e etnia. Para se compreender a realidade da pessoa negra, não somente as características físicas e a classificação racial devem ser consideradas, mas também a dimensão simbólica, cultural, territorial, mítica, política e identitária. É neste contexto que a pesquisadora Nilma Limo Gomes (2011), define relações étnico-raciais como sendo “relações imersas na alteridade e construídas historicamente nos contextos de poder e das hierarquias raciais brasileiras”, onde, segundo a autora, a “raça opera como forma de classificação social, demarcação de diferenças e interpretação política e identitária”, num processo histórico, social, político, econômico e cultural.

Nesse sentido, observa-se que, com a obrigatoriedade de Leis como a 10.639/2003 e a 11.645/2008, a busca pela inserção das Diretrizes Curriculares Nacionais (Educação das Relações Étnico-raciais em 2004, Educação em Direitos Humanos e Educação Ambiental em 2012), a ciência têm se preocupado, nos últimos anos, com uma multiplicidade de práticas e espaços alternativos de produção de conhecimento, sobretudo no que tange aos grupos

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

socialmente marginalizados, a fim de torná-los protagonistas de sua própria história. Contudo, ressaltamos, como diz Bell Hooks (1995), o fato de a mídia e os currículos escolares não abordarem a profundidade da nossa existência, não significa que as nossas vidas não sejam complexas e sem valia.

Ao mesmo passo, a extensão universitária vem conquistando mais espaço nas universidades, graças a uma intensa mobilização ocorrida na última década, envolvendo pró-reitorias de extensão, professores(as), pesquisadores(as), movimento estudantil, lideranças comunitárias e movimentos populares de bairro. Tal mobilização resultou na “curricularização” da extensão, garantindo que 10% da carga horária do currículo dos cursos de Bacharelado e Licenciatura sejam destinados a disciplinas comprometidas com atividades extensionistas e com o diálogo com a comunidade extra-acadêmica.

No âmbito na Universidade Federal da Bahia (2022), foi criada a Resolução do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE) nº 02/2022 que concilia os princípios da extensão, formulados na Resolução do MEC/CNE/CES nº 7/2018 (Brasil, 2018) e as possibilidades de curricularização da extensão na UFBA. Entendemos que a política de extensão da UFBA tem seus objetivos, princípios que dialogam uma ciência decolonial, ao afirmar que a extensão prevê:

I Contribuir para a formação universitária interdisciplinar, cidadã, crítica e responsável do(a) estudante; [...] IV Promover o diálogo com todos os setores da sociedade, com vistas a contribuir para a transformação social; V Incentivar a comunidade acadêmica a atuar na promoção do desenvolvimento humano, econômico, científico, tecnológico, social, artístico e cultural; VI Ampliar o conhecimento da população sobre a UFBA, estimulando a inclusão de estudantes, sobretudo de grupos sociais pouco representados na Universidade (Universidade Federal da Bahia, 2022, p. 2-3).

Desta forma, a partir da próxima seção iremos apresentar os resultados, análises e discussões da pesquisa, fruto da investigação da percepção de profissionais da informação, em formação, a respeito da extensão fundamentada em questões étnico-raciais do Projeto EnCantos, Versos e Prosas.

3 EXPERIÊNCIAS METODOLÓGICAS DECOLONIAIS DO PROJETO ENCANTOS, VERSOS E PROSAS: RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÕES

O Projeto EnCantos, Versos e Prosas surge, a partir de reflexões, durante o desenvolvimento do componente curricular “Ação Cultural”, cuja centralidade da discussão está pautada na cultura, arte e desenvolvimento de ações culturais e educacionais como forma de dinamizar bibliotecas e arquivos, bem como, da percepção de uma lacuna de projetos ligados à arte e à cultura, no contexto institucional das graduações em Arquivologia, Biblioteconomia e da pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Uma das questões colocadas é: como sensibilizar os discentes sobre a importância da Arte e Cultura inserida no contexto das Bibliotecas e Arquivos? A arte associada à educação pode ser um catalisador e potencializador de um encontro do ser com o mundo? Como promover práticas decoloniais de ensino com vistas a discutir as temáticas étnico-raciais.

Diante dessa perspectiva o Projeto desenvolve atividades artísticas e culturais que possam ser extensivas a equipamentos culturais como Bibliotecas e Arquivos. Especificamente o projeto promoveu a convivência, diversidade e fortalecimento de vínculos com a comunidade interna e externa; fomentando o intercâmbio com agentes culturais e demais setores da sociedade, comunidades e territórios. O "EnCantos, versos e prosas" serviu, ainda, de espaço Arte-laboratório para intervenções artísticas protagonizadas pelos discentes, fomentando reflexões críticas e leitura de mundo com e por meio da Arte-ação. A partir desta proposta, o Projeto desenvolveu atividades de cunho artístico, vinculada a eventos científicos, tendo como expressão artística proeminente a música e a poesia. Após essa primeira etapa, considerada como uma fase experimental, o Projeto foi contemplado no Edital de Ações Pontuais da Pró-reitoria de extensão da UFBA. Neste edital, o escopo foi trabalhar com temáticas étnico-raciais. Assim, foram gestadas duas atividades de cunho artístico e cultural: o “AfroEncantos” e o “EnCantos da Terra” que abordaram conteúdos Afro-Indígenas brasileiros.

3.1 Afroencantos e Encantos da Terra

As ações “AfroEncantos” e “EnCantos da terra” promoveram atividades de cunho artístico e cultural pautadas nas temáticas Afro-Indígenas brasileiras. Assim, o processo de

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

criação e construção das atividades demandaram a realização de pesquisa, planejamento, seleção e ensaios para interpretação das canções e poesias selecionadas. O pré-requisito para os discentes participarem do projeto é estarem ligados a alguma expressão artística, seja, música, poesia, dança, interpretação ou artes visuais. Contudo, isso não inviabiliza a participação daqueles que desejam trabalhar nos bastidores da pré-produção, produção e pós-produção das atividades. Assim, a partir de um processo interativo, dialógico e de construção coletiva, as atividades foram estruturadas, com um roteiro lógico, que se adequa à temática e ao formato da apresentação.

Para o “AfroEncantos”, foram selecionadas canções do grupo Tincõas (do qual fez parte o cantor, compositor e instrumentista Mateus Aleluia) canções ou pontos cantados nos terreiros de candomblé e outras que também fazem referência a conteúdos afro-brasileiros, por meio dos elementos rítmicos e da letra das canções. O grupo EnCantos realizou sua apresentação integrada à programação da comemoração do Dia do Bibliotecário em 12 de março de 2024, na Biblioteca Pública dos Barris, situada na cidade de Salvador. De acordo como roteiro, discutido e validado pelo grupo, as canções selecionadas foram: Sino da igreja / Ogum (Pontos de terreiro); Cordeiro de Nanã / Gira / Atabaque Chora (Tincõas); Canto das três raças e Canto pra curar (Tincõas).

O “Encantos da Terra” realizou uma Mostra musical pautada em canções relacionadas aos saberes dos povos originários e enalteceu, por meio da sonoridade e dos recortes temáticos, seus traços identitários, tradições e suas cosmovisões. A Mostra integrou a programação da atividade cultural denominada “Feira da Mata” localizada na Aldeia Tekoá Tupinambá, em Massandupió, Entre Rios (BA). As canções selecionadas para interpretação foram: Chegança (Antônio Nobrega), Saga da Amazônia (Vital Farias), Passaredo (Chico Buarque), Kirimurê (Jota Veloso), Urutau (Juliana Coelho, integrante do Projeto Encantos), Gira Vento (Dindi Leoni - artista independente, percussionista convidada do Projeto Encantos), Tupinambá / Caboclas de pena (canções de rezos indígenas) e Povos do Brasil (Maria Bethânia).

O “Encantos da terra” teve um diferencial importante pois, a apresentação ocorreu em território Tupinambá, onde foi possível partilhar a atividade gestada, bem como vivenciar o toré indígena, participar de uma “roda de conversa” com autores indígenas e, para além disso, sentir e aguçar a percepção sobre como as tradições indígenas contribuem para a diversidade cultural e expansão da visão de mundo.

3.2 Análises e Discussões dos Questionários

O resultado do questionário aplicado com os discentes participantes do Projeto EnCantos, cujas perguntas têm relação com os objetivos específicos elencados anteriormente, obteve, dos nove participantes do projeto, oito respostas, portanto, uma participação de 88%. Destacamos as questões sobre a temática étnico racial.

Ao serem questionados sobre como as temáticas étnico-raciais, por meio das atividades "Encantos da Terra" e "AfroEncantos" impactam em suas vivências acadêmicas, obtivemos as seguintes respostas:

Trouxe um lugar de autoconhecimento. (Respondente A).

No "AfroEncantos" estive num ambiente temático familiar e confortável, no "Encantos da terra" tive a possibilidade do início de um descortinamento do saber sobre as culturas indígenas. (Respondente B).

Observamos um aspecto interessante entre os respondentes A e B, relacionado ao "lugar" e "ambiente confortável", o primeiro, no sentido de autopercepção em relação a sua identidade. Nesse sentido, recorremos ao Paulo Freire (1982), quando ele sinaliza a importância da ação cultural estar associada a um processo de conscientização dos sujeitos em sua relação direta no e com o mundo, buscando, dessa forma, intervir positivamente em prol das melhorias necessárias à vida de todos. Assim, uma ação extensionista com uma temática relacionada aos povos originários, parece ter possibilitado algum tipo de reconhecimento relacionado a ancestralidade, já o segundo, sentiu-se confortável em um ambiente de Biblioteca, revelando, o quão é necessário inovar nas atividades extensionistas propiciando um diálogo entre os sujeitos e diferentes territórios.

Ainda nessa mesma questão, vale destacar as demais respostas:

A parte de escolher o repertório para mim é a que mais requer estudos, sempre tivemos cuidado para que não ficasse superficial e de fato abordasse o assunto. O repertório de Encantos da Terra foi bem delicado mas muito interessante, pois infelizmente ainda hoje muito se fala do indígena do imaginário português, mas escolhemos um repertório que foi bem aceito pelo público. Essas experiências impactam diretamente na minha vivência acadêmica pois me inspiram a pesquisar mais sobre as temáticas e aprofundar os debates que surgiram nesse período (Respondente C).

A partir das experiências vividas e sentidas, in loco, o aprendizado sobre as questões étnico raciais se tornou muito mais fácil e consolidado. A

**XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024**

necessidade de construir intervenções que partiam de um resgate da nossa ancestralidade foi fundamental para ampliar a minha compreensão sobre as questões raciais e indígenas, já que tudo estava baseado no respeito e valorização do patrimônio cultural dos povos que nos formaram (Respondente E).

Importante percebermos que o respondente C sinaliza a questão da “seleção do repertório”, esse é um processo que faz toda a diferença no resultado final da Mostra musical. A canção é o dispositivo informacional capaz de promover a difusão e interação entre os sujeitos, situando a arte como uma prática metodológica aplicável no campo informacional para tratar das questões indígenas. O som é sagrado para os povos originários, sendo utilizado em diferentes ritos. Segundo Kaká Werá Jecupé (2020), os povos indígenas brasileiros, mais precisamente os Tupinambás e os Tupy-Guarani, descendem dos antigos Tubuguaçu, estes, entendem o espírito como música, uma fala sagrada que se expressa no corpo e, este, é flauta, por onde flui o canto que expressa o avá (ser-luz-som-música), que tem morada no coração.

O respondente E, fala de “experiências sentidas e vividas” no próprio território, ou seja, in loco, como um facilitador de apropriação e consolidação da aprendizagem, nesse caso, vale lembrar da afirmação da autora indígena Geni Núñez quando afirma que “algumas coisas a gente só consiga tocar e se aproximar pela arte, música e poesia [...]” assim, pode-se afirmar que atividades extensionistas que abordam arte, música e povos originários, segue numa direção do fazer, sentir, reconhecer, perceber e reverberar para um reconhecimento ancestral que possa se consolidar numa prática decolonial capaz de ser replicada em diferentes comunidades.

Ao serem questionados se o projeto contribuiu para mudar alguma concepção sobre a sua formação, obteve-se as respostas:

Sim, muito se diz no curso de biblioteconomia e documentação que a pessoa bibliotecária pode atuar em qualquer lugar que informação esteja presente, mas pouco se faz na prática. Transitar pela biblioteca-mundo com olhos bibliotecários, como tivemos a oportunidade com o grupo EnCantos é além do vislumbre concreto de possibilidades, um encontro com a informação de uma história contra-hegemônica, o que certamente contribui para que sejamos, no futuro, bibliotecarixs mais sensíveis e plurais (Respondente B)

De uma certa forma sim. Tinha pouca dimensão, apesar de já ter ideia, das possibilidades de mediação cultural do/da bibliotecário/a. Tenho mais certeza de querer permanecer na biblioteconomia, já que posso integrar minha formação anterior em música nessa área de forma produtiva e

gerando ganhos não só para mim, mas para a comunidade universitária e para as comunidades de onde quer que chegarmos como projeto (Respondente D).

Mudou minha visão de que todas e quaisquer pessoas, mesmo sem dons artísticos, pode contribuir num projeto desse tipo (Respondente F).

Ao tratar sobre a formação do Profissional da Informação, observa-se que os discentes passam a ter uma percepção ampliada por meio da vivência prática da extensão, corroborando com o que preconiza o Parecer do Conselho Nacional de Educação de 2018, quando cita a dimensão transformadora da extensão gerando outros olhares e perspectivas a partir da interação Universidade e sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os resultados apresentados e relacionando-os com a questão norteadora deste trabalho, notamos a importância das ações extensionistas ao percebermos que elas promovem espaços de diálogo entre a realidade objetiva e os aspectos subjetivos humanos, entre múltiplas culturas e múltiplas realidades, desenvolvendo nos participantes uma ampliação do seu conhecimento de mundo, o que vem a propiciar um olhar com mais criticidade e sensível perante as questões étnico-raciais.

As ações extensionistas promovidas pelo Projeto Encantos, Versos e Prosas ensejam, cada vez mais, a participação de profissionais da informação nos meios populares, no âmbito do qual os mais variados saberes são acolhidos e socializados pelas comunidades. Para isso, teoria e prática são indissociáveis, assim como devem ser o ensino, a pesquisa e a extensão.

Concluimos, refletindo o alcance de projetos como esses também em cursos de pós-graduação, como prevê as diretrizes para a extensão na Educação Superior Brasileira, que precisam ser contempladas em seus Projetos Políticos Pedagógicos. Entendendo que as ações extensionistas, principalmente pautadas em fundamentos decoloniais, devem ser inseridas nos currículos dos cursos que formam profissionais pesquisadores(as) e docentes do Brasil, com vistas a uma educação libertadora e transformadora.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Resolução nº 1, de 17 de julho de 2004**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: CNE, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2024.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Resolução nº 1, de 30 de maio de 2012**. Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. Brasília, DF: CNE/CP, 30 maio 2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rcp001_12.pdf. Acesso em: 14 jul. 2024.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012**. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Brasília: DF: CNE/CP, jun. 2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rcp002_12.pdf. Acesso em: 14 jul. 2024.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer nº 608**. Brasília: CNE, 2018. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=102551-pces608-18&category_slug=novembro-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 14 jul. 2024.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018**. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. Brasília, DF: CNE/CES, 2018. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECESN72018.pdf. Acesso em: 14 jul. 2024.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 14 jul. 2024.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 11.645, de 10 março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília: Presidência da República, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 14 jul. 2024.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**: e outros escritos. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

GOMES, Nilma Lino. Educação, relações étnico-raciais e a Lei 10.639/03. **Portal Geledés**, São Paulo, 27 jul. 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/educacao-relacoes-etnico-raciais-e-lei-10-63903-2/>. Acesso em 14 jul. 2024.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. **Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 3, p. 464-478, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16465/15035>. Acesso em: 14 jul. 2024.

JECUPÉ, Kaká Werá. **A terra dos mil povos**: história indígena do Brasil contada por um índio. 2. ed. São Paulo : Editora Peirópolis, 2020.

KILOMBA, Grada. “Who can speak? Tradução de Anne Caroline Quiangala. **Preta, nerd e burning hell**, 12 jan. 2016. Disponível em: <http://www.pretaenerd.com.br/2016/01/traducao-quem-pode-falar-gradakilomba.html>. Acesso em: 27 out. 2019.

NÚÑEZ, Geni. **Descolonizando afetos**: experimentações sobre outras formas de amar. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Conselho Acadêmico de Ensino. **Resolução n. 4, de 2023**. Estabelece normas para a implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais referentes à Educação das Relações Étnico-raciais [...]. Salvador: CAE, 2023. Disponível em: https://www.ufba.br/sites/portal.ufba.br/files/resolucoes/resolucao_04.2023_erer-dh-ea_-_cae_i.pdf. Acesso em: 14 jul. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução n. 2, de 2022**. Regulamenta a inserção, o desenvolvimento e o registro das atividades de extensão universitária nos currículos de graduação da UFBA. Salvador: CONSEPE, 2022. Disponível em: https://www.ufba.br/sites/portal.ufba.br/files/resolucoes/resolucao_02.2022_-_consepe_0.pdf. Acesso em: 14 jul. 2024.